

O pulo do gato

Era tarde da noite, chovia e parava e chovia. Vestindo um suéter de alguém mais velho e mais alto, Dario caminhava por um longo corredor pincelado com os resquícios da luz quente que vinha do salão, lá onde os convidados restantes do avô, o Rei, berravam risadas e terminavam com o vinho caro do palácio em frente à lareira. A sombra à sua frente o guiava, difusa, e ele a seguia sem fazer barulho, a ponta dos dedos da mão acompanhando os relevos da parede à sua esquerda conforme ele avançava a passos lentos.

No fundo do corredor, uma breve luz azulada projetava-se para dentro através de uma janela comprida e arqueada nas pontas, iluminando um pedaço do carpete avermelhado e uma miniatura de cavaleiro em cima de uma mesinha. Em volta, tudo era escuridão. Ele mal conseguia enxergar as molduras dos quadros nas paredes explodindo na sua opulência dourada costumeira.

Ao lado da janela, uma porta revestida com papel de parede propositalmente se perdia à vista dos menos atentos, mas os anos vivendo no palácio permitiram-lhe saber de cada passagem dele – e também da localização exata onde o mordomo responsável pelas fechaduras escondia o recheado molho de chaves.

Num silêncio calculado, ele girou a maçaneta e entrou na sala, fechando com cuidado a porta atrás de si. Conforme se afastava do corredor, descendo por uma escada apertada e rangente, engolida em ambos os lados por uma parede dominada de uma infinidade de grandes quadros, Dario podia sentir o calor gerado pelo sistema de calefação se dissipar e dar lugar a um frio de arrepiar a espinha. O lugar estava imerso na escuridão, e ele tinha de descer a escada se localizando somente pelo tato, com o desafio de não derrubar nenhum quadro no caminho.

No centro da sala, o silêncio imperava. O único som que o juvenzinho era capaz de ouvir, mesmo se esforçando, era o da própria respiração. Ele acendeu as velas de um candelabro duplo com um isqueiro que tinha pegado de um dos convidados no salão e estendeu o braço para iluminar à sua volta. Voltou o candelabro para perto de si quando percebeu que o espaço era mais apertado do que tinha imaginado e, se não tomasse o devido cuidado, poderia acabar queimando o que quer que fosse.

A luz das velas revelou, escorados nos quatro cantos da sala, pendurados nas paredes, em grades de metal e biombos de madeira, e empilhados em mesas e cavaletes, quadros e mais quadros adornados todos com molduras extravagantes. Eram tantos os

quadros que a sala perdia pelo menos dois terços de seu tamanho original, e mal tinha como andar por entre eles e os seus suportes.

As pinturas eram todas medievais – “a época em que a família ainda tinha algum poder”, como gostava de repetir o avô – e representavam gatos – outra coisa pela qual o Rei era aficionado – nas mais diversas situações: uns mostrando a língua e eriçando os pelos, outros bebendo em cálices dourados o vinho de um banquete farto, outros tocando banjos, flautas e trombetas... De início, Dario achou aquilo razoável, muito pitoresco, sim, mas razoável; afinal, o velho tinha apenas juntado duas de suas paixões numa só, os gatos que já tinham aos montes no palácio e uma época em que nem viveu.

Contudo, a sensação quase instintiva de estar sendo observado no silêncio de um lugar onde não deveria estar o fez perceber que tinha alguma coisa de errado com a aparência daqueles animais, uma coisa que se repetia em todas as pinturas. Eles não eram gatos normais; tinham algo nas feições que os fazia parecer incorretos, humanos demais, como se seus rostos tivessem sido apagados e trocados por outros carregados de intenções que iam muito além de escalar móveis, caçar ratos e ronronar de barriga cheia.

Dario ouviu sussurros vindos da escuridão ao seu lado, como se as sombras cochilhassem entre si sobre a sua presença, e iluminou a pintura de onde eles vieram. Seu coração bateu rápido, descompassado. Eram muitos elementos compondo aquela tela gigante, a representação medieval do quarto de um castelo, mas os que mais o chamaram a atenção foram os gatos. Com seus olhares esfíngicos, os bichos o encaravam de dentro dos armários, de cima das cadeiras, da cama e debaixo dela, dum grande tapete no chão. Ele levou a ponta do dedo para o rosto de um, que pareceu estar pintado em relevo. Então, rapidamente recolheu o braço para perto do corpo, tendo um estranho pressentimento de que os outros gatos da tela se mexeram enquanto ele não prestava atenção.

De repente, um baque violento vindo do fundo da sala quebrou o silêncio absoluto que amordaçava o lugar. Sem mover um músculo, Dario engoliu em seco e direcionou o olhar para a fonte do barulho: uma das telas que dividia com outra um cavalete tinha caído no chão. Ele calculou uma passagem por entre os quadros empilhados, deixou o candelabro com as velas acesas no chão e foi se esgueirando pelo único caminho que conseguiria fazer sem derrubar nada, o isqueiro na mão acima da cabeça emitindo uma luz trêmula. Quanto mais avançava, mais ele imaginava os olhos dos gatos deslizando de um ponto ao outro em suas órbitas, acompanhando cada passo que dava.

O quadro que tinha caído era bastante pesado, mas com as duas mãos Dario conseguiu levantá-lo e colocá-lo de volta no cavalete. Ele observou a obra com a luz do

isqueiro: na frente, uma poltrona com um assento estofado verde-escuro marcado com as sombras de uma figura que, no final, acabou não sendo pintada; atrás, uma mesinha com uma pena e um rolo de pergaminhos em cima dela. Antes que ele pudesse pensar em qualquer coisa, no entanto, de baixo do cavalete soou um gemido agonizante, bem baixinho e agudo que o fez recuar dois passos por instinto.

O fogo do isqueiro e das velas atrás dele falhou e lentamente definiu no ritmo desarmônico e constante do gemido. A sala foi engolida por uma avalanche de sombras. Dario não conseguia enxergar nada. Derrubaria tudo que estivesse na frente dele se apenas corresse para fugir dali e não queria deixar pistas para não ser descoberto, então apenas fixou os pés no chão e manteve-se estático, pressionando tão forte o isqueiro que sua mão começou a suar.

Os gemidos foram se tornando mais intensos. Depois de muitas tentativas, ele conseguiu reacender o isqueiro. Da escuridão debaixo do cavalete, rastejando e fincando as longas garras afiadas no chão, viu surgir uma criatura gorda e pustulenta de pelos brancos e marrons espetados que só se podia enxergar de relance, melhor nos pontos onde a pelagem mais clara predominava. O bicho era do tamanho de um bebê, um bebê dos grandes, e não cessou os grunhidos até levantar para ele o que provavelmente era a sua cabeça. Os dois se encararam. O rosto da criatura era branco feito leite, branco e gordo e enrugado, parecia ter sido remexido e depois fundido numa coisa só, e ela não tinha olhos e nem nariz definidos, enquanto a boca era apenas um rasgo na diagonal.

Dario virou levemente o rosto para o lado, sentindo as pálpebras vibrarem e a visão embaçar. Ele fechou os olhos e manteve-os assim pelo menos até o momento em que o bicho eriçou o rabo peludo e abriu por completo a fenda no rosto desfigurado, revelando um buraco com mais dentes do que ele poderia imaginar para um ser tão decadente, e desse buraco saiu um grito cortante que cruzou a sala e reverberou tão forte em seus ouvidos, mas tão forte que ele tonteou e mal se deu conta quando a criatura pulou contra o seu rosto, envolvendo as garras fundo em sua cabeça.

Das suas telas, os gatos gemeram em uníssono.

Da sua tela, Dario gemeu.